

12º Congresso Internacional da Rede Unida

Nome da oficina: Corpografias urbanas e consumo de drogas: Saberes e práticas para interação entre profissionais e usuários de serviços de saúde mental.

Proponentes: José Maria Nogueira Neto - DeVry Brasil e Maristela de Melo Moraes - UFCG

Facilitadores: José Maria Nogueira Neto - juzeneto@hotmail.com Etelânio Agno Leite de Lima - eagno@hotmail.com Maristela de Melo Moraes - maristelammoraes@gmail.com

Tipo da Oficina: Oficina de Formação

Público Alvo:

Aberta aos participantes do evento.

Ementa:

No campo de atenção à saúde mental das pessoas que tem problemas com o consumo de drogas, os modelos de cuidado nem sempre priorizam o respeito e a preservação da dignidade de quem é atendido, muitas vezes visto inicialmente como marginal ou doente e não como cidadão.

As políticas públicas atuais no nosso país, entre elas, o Plano de Enfrentamento ao Crack, tem contribuído para intervenções que desconsidera avanços importantes na reforma psiquiátrica e na luta antimanicomial, como por exemplo, a internação compulsória utilizada frequentemente, com a justificativa de resolver um complexo problema social e de saúde pública. Medidas como a internação compulsória, aliadas ao preconceito e a exclusão social vivenciada por muitas pessoas que usam drogas, especialmente as ilícitas, perpetradas também nos dispositivos de saúde, indicam a necessidade de repensar e propor novas metodologias para o trabalho junto a esta população e as equipes de profissionais.

As corpografias urbanas (Jacques, 2006), conjunto de saberes e práticas que progressivamente vem sendo incorporados à saúde, possibilitam outros modos de pensar e intervir na forma como as pessoas estão na cidade (e a percebem), bem como no modo como a cidade se inscreve nesses corpos vulnerabilizados, que se movem e ocupam a cidade de um modo singular, com experiências de espaço, tempo e orientação alteradas pelos efeitos físicos-mentais e político-sociais da convivência com as drogas.

As corpografias urbanas surgem como estratégia de enfrentamento à espetacularização da vida na cidade, especialmente no modo como pessoas que usam drogas ocupam os centros urbanos, possibilitando reflexão sobre o distanciamento criado nesses cenários cotidianos entre as pessoas; entre as pessoas semelhantes e as tidas como diferentes; entre os modos variados de apropriação dos espaços.

A oficina será composta por dois momentos: inicialmente uma breve discussão sobre o lugar social das pessoas que usam drogas e sobre as principais dificuldades encontradas na implementação de tecnologias participativas nos processos de cuidado em saúde mental junto a essa população. Será discutida a hegemonia do modelo moral-criminal e psiquiátrico-manicomial, patologizantes e estigmatizantes, ainda fortemente presente nos dispositivos de cuidado à saúde dessas pessoas. No segundo momento, serão vivenciadas estratégias metodológicas orientadas pelo conceito de corpografias urbanas, articuladas às técnicas corporais do teatro participativo (Boal, 2005), de modo a tornar possível aos participantes não só uma instrumentalização para o uso dessas estratégias em diversos campos de práticas, mas para a própria compreensão teórica dos fundamentos da referida perspectiva, que surge no diálogo entre a arquitetura e a sociologia, mas, potencializadas pelos aportes de autores como Deleuze e Guatarri (1980), torna-se bastante útil na saúde, especialmente na atenção em saúde mental de populações extremamente marginalizadas e vulnerabilizadas, a exemplo das pessoas que usam drogas, sobretudo o crack.